

Educere

Et

Educare

Revista de
Educação

RESENHA

O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

Resenha de: PERRENOUD, Philippe.
Desenvolver competências ou Ensinar saberes? A Escola que prepara para a vida. Porto Alegre: Penso, 2013.



Vol. 9 Número 18 jul./dez. 2014

p. 825 - 830

Janete Netto Bassalobre ¹

Indiscutível o quanto a existência nas sociedades modernas vem acumulando enormes transformações, em todos os níveis, desde a profusão de novas tecnologias que invadem e modificam radicalmente o cotidiano de grande parte dos cidadãos, até o enfrentamento da complexidade das novas estruturas e relações, tanto sociais como familiares: tudo nos impõe novos desafios e, da mesma forma, novas capacidades para enfrentá-los. Ao mesmo tempo, no interior dessa recente sociedade multifacetada, os diferentes grupos sociais seguem interagindo muitas vezes com objetivos totalmente diversos, inseridos em um modelo dominante de desenvolvimento capitalista, baseado na busca do lucro excessivo e no aumento contínuo de níveis de consumo.

Paralelamente, inúmeras são também as transformações no mundo do trabalho: é constante e permanente a reorganização do trabalho, permeado pela globalização que aumenta cada vez mais a concorrência; portanto, os trabalhadores têm que se adaptar constantemente às novas tecnologias, conhecimentos e métodos que não somente alteram a produção, mas também as concepções e decisões que envolvem o mundo do trabalho. As grandes empresas se internacionalizam para responder a um mercado cada vez mais diversificado; novas formas de organização são estabelecidas, centradas na autonomia e na responsabilidade individual, na polivalência e na autonomia, reforçando a noção de que “o sucesso ou o fracasso em matéria de competência depende completamente do próprio indivíduo [...] que carrega cada vez mais sozinho o peso de sua própria situação social e profissional”² (p. 36/37). Dessa maneira, se por um lado conquistamos o poder de decisão, por outro podemos nos sentir inseguros por nossas escolhas - e não é só o jovem que apresenta

¹ Mestre em Educação, professora universitária, psicóloga, pós-graduada em Neuropsicobiologia.

este comportamento: este é sem dúvida a conduta da grande maioria dos indivíduos da sociedade contemporânea.

E é dentro desse contexto que Philippe Perrenoud coloca em debate a questão do desenvolvimento de competências na escola da atualidade: como ele próprio afirma no prefácio da obra resenhada, não pretende abarcar a integralidade do problema, mas tão somente fazer com que o debate entre desenvolver competências ou ensinar conhecimentos seja retomado. O sociólogo suíço sempre trabalhou visando melhorar a compreensão dos processos educativos, e tem realizado sua proposta com muito êxito desde o início da década de 1970, quando começou a pesquisar a fabricação das desigualdades e do fracasso escolar, tornando-se um nome obrigatório em qualquer discussão séria sobre temas como a formação de educadores, competências escolares e pedagogia diferenciada. No Brasil, suas ideias exerceram grande influência para os professores e pesquisadores em todo o país, bem como para assessores em políticas educacionais. Seu pensamento serviu de base para os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), estabelecidos pelo MEC durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

A partir da Introdução geral, o autor (deixando bem clara sua posição de apenas visar com o trabalho um debate teórico que permanece longe de estar concluído), demonstra sua proposta no sentido de contribuir para uma discussão mais judiciosa a respeito da temática do desenvolvimento de competências, evidenciando a necessidade inicial de se esclarecer três tópicos imprescindíveis: 1) a inevitabilidade da conceitualização de “competência” que, segundo sua visão, continua “vaga, incerta e definida por cada um à sua maneira” (p. 9); 2) o questionamento de se a escola já estaria desenvolvendo competências definidas hoje e, em caso afirmativo, quais seriam elas; 3) a ideia que temos a respeito das missões da escola e, ao mesmo tempo, o aprofundamento da questão: atualmente, qual seria essa missão? Os temas dos conhecimentos escolares e das reformas curriculares também são abordados na introdução pelo autor, que questiona se os saberes ensinados na escola são pertinentes para entender o mundo atual e agir nele, preparando os jovens para a vida ou se atuam tão somente para embasar os estudos superiores.

A primeira parte do livro, de modo geral, vai tratar da análise de pontos tais como o fascínio pelas competências e sua instável conceitualização; a indispensabilidade da utilização da vida das pessoas como ponto de partida; a abordagem dos conceitos de conhecimento, habilidade e atitude; as relações entre conhecimentos e competências, bem como as diferenças entre competências e habilidades, ligações entre competências e construtivismo e, ainda, as confusões entre situação de aprendizagem e situação de referência.

Utilizando cinco capítulos para essa primeira fase, o autor dedica-se inicialmente à análise do por que das competências terem alcançado a quase unanimidade na preferência das escolas e nas reformas curriculares, o que, segundo as postulações de Perrenoud, deve-se ao fato de estarem relacionadas à evolução da sociedade, pois as sociedades tradicionais sempre se contentaram com o que lhes era oferecido e, já as sociedades modernas, têm como principal preocupação o progresso contínuo, o que naturalmente leva a uma maior concorrência e daí, conseqüentemente, uma maior preocupação com a competência: “Em suma, em todas as esferas da existência, no trabalho e fora dele, insiste-se nas novas condutas, nos novos desempenhos e, portanto, nas novas competências” (p.32).

Evidencia a seguir a interrogação sobre como definir a utilidade e a pertinência prática de um saber, chamando a atenção para o fato de que, por exemplo, para se identificar os saberes necessários para a vida, seria preciso saber qual seria essa vida, o que não ocorre na escola fundamental, pois não se sabe antecipadamente qual será o destino das crianças. O

que se entende por competência e suas diversas conceitualizações também são discutidas, o que se faz necessário para o autor quando se busca saber se a educação escolar pode e deve para a vida e como executar tal proposta. Aborda ainda uma confusão frequente que consiste em comparar o desenvolvimento de competências com os trabalhos tipo situação-problema: é necessário distinguir que o desenvolvimento de competências não se limita ao enfrentamento de situações complexas e que o trabalho com situações-problema leva a outras aprendizagens, inclusive a construção de conhecimentos, enfim, trabalhar com situações-problema não implica em desenvolver competências.

Perrenoud analisa ainda o debate sobre desenvolvimento de competências versus aquisição de conhecimentos, proporcionando uma visão conscientizadora da falta de sentido que reside nessa oposição, bem como realiza uma incursão sobre temas como as competências transversais, a pedagogia por objetivos e o amálgama realizado por alguns entre competências (teoria pedagógica) e construtivismo (teoria da aprendizagem).

A questão imprescindível dos saberes que podem preparar para a vida e não estão incluídos nos programas de ensino obrigatório, são abordados na segunda parte da obra, englobando quatro capítulos sob a denominação de “Um Currículo Desequilibrado”. O autor levanta um questionamento a respeito de quais saberes fazem falta na vida dos indivíduos pelo fato de a escola não lhes dar espaço na educação básica, deixando claro que “não significa que não haveria outras maneiras de se apropriar desses saberes e nem que a escola deveria incorporá-los aos programas” (p. 98), até porque existiria, entre tantas outras considerações, o fato de que seria impossível prever as situações que os alunos terão de enfrentar na vida anos depois de sua formação.

Realiza uma análise de diversas disciplinas consagradas e fundamentadas em campos do saber, como a geografia, a história e a filosofia (entre outras), fundamentando a discussão na diferenciação entre os conteúdos fornecidos a fim de preparar o aluno para o ensino superior e aos ministrados para prepararem-no para a vida, citando entre outros pontos concernentes a essa questão, a autonomia dos professores, por exemplo, que pode fazer com que alguns deles intentem aparelhar o aluno para a vida e “forcem a barra” (p. 118), apesar do currículo não ter sido idealizado com essa finalidade, enquanto outros deem pouca importância aos aspectos dos programas relativos ao preparo para a vida e concentrem-se mais em preparar o estudante para a continuação dos estudos.

Perrenoud faz também um exame das chamadas educações, ministradas hoje nas escolas de maneira crescente (o que sugere, segundo o autor, uma preocupação da sociedade em relação a essa dimensão da escolaridade): enquanto as disciplinas são elaboradas em torno de um corpo de conhecimentos, as educações visam o desenvolvimento do aluno, suas atitudes, valores, competências e identidade, preparando-o para conduzir sua vida, inclusive a profissional. No mesmo espaço aborda também o que chama das disciplinas ou problemáticas ausentes no ensino obrigatório (como a psicologia, a psicanálise, ciências políticas e criminologia, por exemplo), alertando para o fato de que o pensar sobre a introdução de certas disciplinas hoje ausentes no currículo é o mínimo a ser feito se pretendemos atribuir à escola a missão de desenvolver competências para a vida. Para o autor, deveria existir, no mínimo, uma “dúvida metódica quanto à relação existente entre os programas escolares e a vida das pessoas” (p. 26).

A parte três da obra em questão aprofunda o exame dos motivos pelos quais é pouco provável que os saberes ministrados na escola sejam reestruturados tanto para dar ênfase aos componentes mais úteis para um maior número de pessoas, bem como para realizar a instalação de um debate para tomar conhecimentos dos saberes a serem mobilizados.

Afirma que é de conhecimento geral que uma das finalidades da escola é preparar para a vida – contudo, resta saber o que essa escola deve fazer para isso, o que não é uma questão simples. A partir daí, o autor aborda a complexidade dessa temática a partir da análise de alguns fatores que demonstram a dificuldade de responder de forma completa e definitiva a questão da escolaridade básica na preparação para a vida, considerando antecipadamente que é praticamente impossível que todos concordem com as respostas obtidas, uma vez que ocorrem pluralidades de concepções de vida e de educação, ligadas não só à diversidade cultural, mas, também, a conflitos de interesses os mais diversos.

Em suas conclusões, Perrenoud insiste na questão relativa ao exame imparcial dos obstáculos como condição imprescindível para qualquer reforma, tentando minimizar certo pessimismo erigido a partir das muitas dificuldades apresentadas no decorrer das análises. Intenta oferecer argumentos àqueles que pretendem construir uma escola que ofereça uma melhor preparação para a vida, pois, torna-se cada vez mais visível a defasagem crescente entre o que o jovem aprende na escola e o que lhe será necessário para viver no século XXI. E ratifica que essas competências a serem adquiridas não deveriam ser elaboradas e estipuladas por uma organização internacional para ser aplicada em diversos países: o autor defende as diferenças em função das culturas e das regiões diversificadas.

O posfácio da obra apresenta as considerações de François Audigier (Universidade de Genebra) no sentido de evidenciar o livro de Perrenoud como uma colaboração maior na construção do futuro da escola que, por mais atingida que seja por desacordos e turbulências várias, continua sendo a instituição fundamental do projeto democrático.

Dirigido a pesquisadores, professores, alunos da área da Educação, a obra resenhada firma-se como uma importante contribuição voltada àqueles interessados em pensar na ressignificação da escola enquanto instituição formadora de cidadanias emancipatórias em seus vários aspectos, deixando entrever a importância do conjunto de ações voltadas à aquisição de competências que poderão oferecer mais sentido e utilidade a cada jovem durante a construção de suas emancipações.

NOTAS

² GILLES LIPOVETSKY; JEAN SERROY. A CULTURA MUNDO: resposta a uma sociedade desorientada. 1ª. reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Recebido em: 20/12/2013

Aprovado para publicação em: 17/11/2014